

ANEXO B

EVENTO X WORLD PEACE FORUM 2016

DATA: 22 A 25 DE SETEMBRO DE 2016

LOCAL: FLORIANÓPOLIS/SC

RELATÓRIO DO EVENTO:

Em parceria com a Universidade Internacional da Paz - UNIPAZ, foi realizada pela primeira vez no Brasil, na cidade de Florianópolis, nos dias 22 a 25 de setembro de 2016, o evento *X World Peace Forum 2016* ou Fórum Mundial da Paz.

Em sua 10ª edição, foram convidados a participar do evento: acadêmicos, ativistas da paz, executivos, jornalistas, estudantes, líderes religiosos e políticos, bem como qualquer cidadão que reconhecesse a paz como prioridade.

Este importante evento é organizado desde 2007 pela *Schengen Peace Foundation* com o respaldo das Organizações Unidas e já foi realizado em países como Alemanha, Romênia, Egito e outros.

A Fundação *Schengen* foi criada com a missão de difundir a mensagem de paz na Europa e no mundo e contribui para construir um mundo mais pacífico promovendo a paz, a tolerância e o conhecimento através do diálogo multicultural, debates, publicações, exposições, reuniões, programas de educação e estudos sobre a paz.

O Fórum Mundial da Paz foi realizado em Florianópolis, no Centro de Eventos Governador Luiz Henrique da Silveira, no Norte da Ilha, com várias palestras e atividades temáticas sobre ecologia, direitos humanos, migração contemporânea, religião e contou com participantes de delegações vinda de 41 países.

Na quarta-feira, dia 21, os sinais da Catedral Metropolitana de Florianópolis tocaram ao meio dia em ponto e o espaço foi tomado por 200 dançarinos e por pessoas de todas as idades que celebraram a paz na forma de dança ao som de um mantra hindu ao ritmo de samba.

Na quinta-feira, dia 22, às 9h30, ocorreu a carrinhada com bebês pelo centro da cidade de Florianópolis, com saída da rua Felipe Schmidt, passando pela Praça XV de Novembro e com chegada no Largo da Alfândega.

A programação central do Fórum Mundial da Paz ocorreu na Sala/Hall Nelson Mandela, sendo distribuída em quatro datas: dia 22/09 (ABERTURA), dia 23/09 (WE BELIEVE IN CHANGES - Nós acreditamos na Mudança - Dia da Ecologia), dia 24/09 (WE BELIEVE IN RIGHTS - Nós acreditamos em Direitos Humanos) e 25/09 (WE BELIEVE IN PEACE - Nós acreditamos na Paz - Dia da Educação e Consciência).



PROGRAMAÇÃO - Sala/Hall Nelson Mandela

DIA 22/09/2016 - ABERTURA

16h00 -17h50

- **Foi realizada Cerimônia de Música Nativa** - com apresentação de Daniel Namkhay da Argentina. Daniel Namkhay é terapeuta holístico, músico, multi-instrumentista, compositor, escritor, autor de doze cds de World Music (músicas nativas ou étnicas). As suas músicas são criadas com uma incrível coleção de flautas nativas, tambores de barro, de couro e de bambu, apitos e sementes da Amazônia e da Indonésia, paus de chuva, sinos do Tibete e de cristal de quartzo, percussões de África e do Brasil e outros exóticos instrumentos de muitos países.





➤ Apresentado o documentário HOME: www.goodplanet.org.

18h00

- **Abertura Oficial - Hora Celeste**
Oração da Paz, Polyphonia Khorus
Regente: Mécia Mafra Ferreira, Brasil
Fantasia Coral para piano – L. Van Beethoven Orquestra, solistas e coro:
Piano - Pablo Rossi, Brasil-Bélgica
Orquestra de Câmara da Udesc, Brasil
Polyphonia Khorus, Brasil. Solistas:
Soprano I - Kalinka Damiani
Soprano II - Karolyne Liesenberg
Mezzo-Soprano: Débora Almeida
Tenor I - Ricardo Castro
Tenor II - Guilherme Albanaes
Baixo: Javier Venegas





- **Cerimônia da Chama da Paz e Cortejo de Bênçãos** – foi realizada por diversos representantes de diversas tradições espirituais e religiosas que estiveram presentes na 10ª edição do Fórum Mundial da Paz.





18h25

➤ **Cerimonial de Boas Vindas - Autoridades**

18h35

➤ **Hino Nacional & Hino da Cidade**

18h45

➤ **Vídeo do Fórum Mundial da Paz**

18h55

➤ **Cerimônia Roerich Bandeira da Paz**

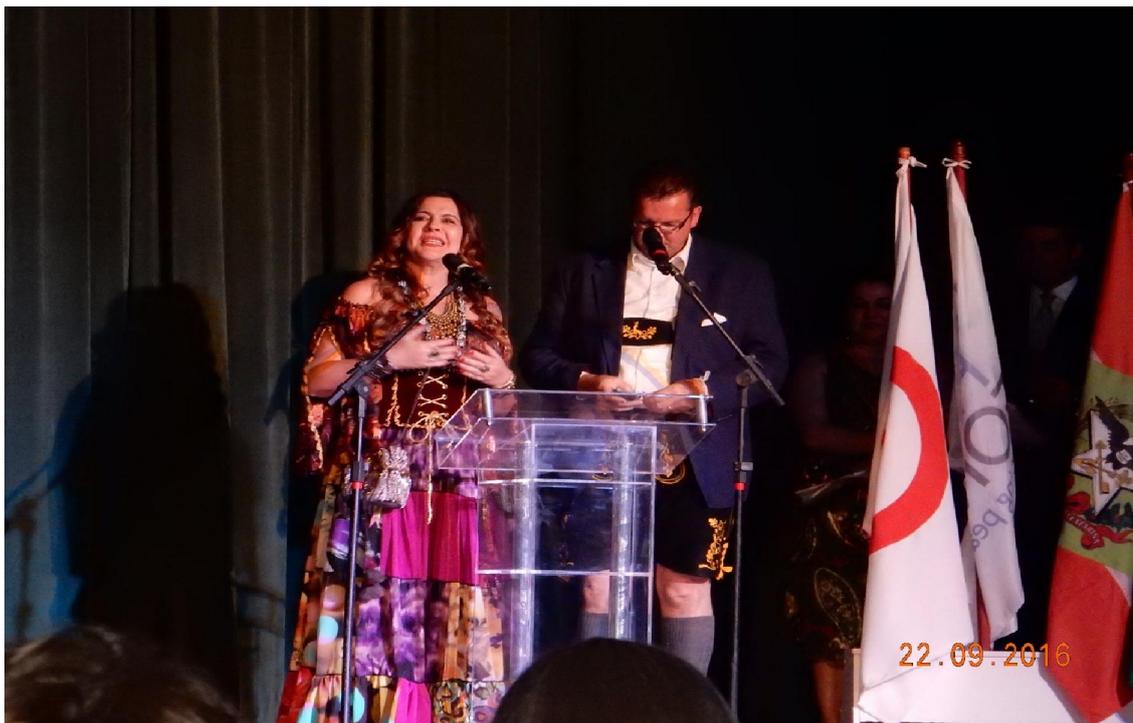
Apresentação de Representantes da Ginástica Rítmica Desportiva, Coordenadora: Maria Helena Kraeski, Floripaz
Canção tema do Fórum, Din Rose, Floripaz



19h05

➤ **Abertura**

Dulce Magalhães, Presidente do X Fórum Mundial da Paz - Capítulo Brazil
Dominicus Rohde, Luxemburgo – Presidente da Schengen Peace Foundation



19h15

➤ **Visões da Paz - Painel de Abertura:**

Dominicus Rohde, Luxemburgo – Presidente da Fundação Schengen.

Dulce Magalhães, Brasil – Presidente do X Fórum Mundial da Paz Carlos.

Palma, Portugal – Presidente do II Fórum Mundial para Jovens.

Roberto Crema, Brasil – Reitor da Universidade Internacional da Paz.



Visões da Paz – Por que devemos promover o encontro

Carlos Palma: “(...) É uma experiência um pouco especial. Eu morei 30 anos no Oriente Médio, em países que vivem ainda a guerra: no Iraque, Líbano, Turquia, Palestina. E nos últimos 11 anos estive morando no Egito. Sempre no campo da educação com os jovens, eu pessoalmente sentia que as vítimas dessas guerras são as crianças e os jovens. E muitas vezes fiquei com um jovem nos braços que morria, uma criança que morria por um ataque, uma bomba. E nós educadores, o que fazemos para a paz? Aqui é muito claro a cultura da guerra. E onde está a cultura da paz? Eu senti essa chamada de que tínhamos que fazer uma coisa concreta para construir essa cultura da paz começando com as crianças. A primeira ideia era um festival da paz, não pensávamos num fórum de paz. Eram muitas escolas no Cairo que começaram a fazer esse festival, mas era porque os jovens queriam falar. Eles queriam dizer que eles não querem a cultura da guerra, mas querem construir a paz, querem viver a paz. Eu lembro sempre que o primeiro festival que fizemos no Cairo foi no mesmo dia que começou a revolução dos jovens no Cairo. Então foi possível fazer. Eu pensei, será o ano próximo e todos jovens vieram à minha casa e disseram, não Carlos, agora devemos fazer mais que antes. Fazer a paz, parecer ao mundo que a paz é possível. Começamos a preparar as últimas coisas e os mais jovens de 12 e 13 anos me disseram convencidos: Carlos teremos que escrever a todos os Presidentes do mundo que vamos fazer essa manifestação para a paz. Eles têm que saber que os jovens querem a paz e como se comprometem para a paz. Eu achei um pouquinho exagerado todos os presidentes do mundo, mas quando vi uma convicção forte, ok. Escreveram a carta. Poucos dias depois, o presidente Obama escreveu uma resposta: a cultura da paz depende dos jovens. E depois recebemos a carta do Rei de Espanha, da presidente de Irlanda, do ganhador do Prêmio Nobel da Paz, Ministros de Educação de muitos países e aí entendi, que os jovens têm uma força que nós adultos não temos. São mais autênticos, mais convencidos, e não tem nada que pode parar um jovem quando está convencido. Os jovens querem dizer que a paz é possível e querem dizer não com fala, a fala é muito importante também, mas com um projeto concreto. Eles necessitam de fé, de manifestar uma coisa concreta. É assim que nasceu o fórum mundial dos jovens e eles querem sempre que esse fórum mundial do jovem seja uma possibilidade, para que os jovens, especialmente os jovens em países em guerra possam dizer não o que pensam da guerra, mas, como vivem para a paz e não o que pensam da paz, mas o que estão fazendo de concreto para construir essa cultura de paz”.

Roberto Crema: “Que a chama da paz ilumine, aqueça e habite o coração de toda a humanidade. Eu quero primeiro agradecer profundamente essa simbólica homenagem à Unipaz e recordar esse grande servidor, samurai da paz, Pierre Weil. O pai de Dominicus também viveu a segunda guerra mundial; ele esteve como voluntário da Cruz Vermelha. Pierre Weil também viveu e nasceu numa fronteira entre a França e a Alemanha, Estrasburgo. Ele era muito menino, um dia o pai o levou para que ele conhecesse a fronteira entre a França e a Alemanha e o menino Pierre colocou um pé na Alemanha, outro na França, e disse: pai, não estou sentindo nada. Com isso, Pierre num insight quando menino se deu conta que a guerra, todas as guerras, no interior, entre nós, entre as nações nascem de uma fantasia da separatividade e é por isso que foi muito tocante quando iniciamos depois do cântico de Daniel, a natureza, com o macro ecumenismo com quarenta representantes de tradições espirituais. Isso é belíssimo, Pierre Weil estaria

sorrindo, abençoando, era um sonho do Pierre. Quando a Unipaz foi fundada tinha o representante do cristianismo e de outras tradições, tradição afro-brasileira, bramânica, hindu, taoísta, budista. Todos os templos, todas as sinagogas, todos os terreiros, todas as catedrais, todas as mesquitas são templos apontando para o céu estrelado. Se nós ficarmos apenas olhando o dedo nós perderemos o mistério da vida de onde brota a paz. Esse coração que a nossa irmã nos brindou está depositado no lótus. Esse coração representa a força do feminino (...) quando escutamos a arte nos encantando, a orquestra demonstra o que é paz, cada um com seu instrumento, cada um no processo da sinergia e não da competição. É um coração do feminino sagrado e o lótus é sagrado no ambiente porque ele brota do lodo e transmuta o lodo em flor. Nós vivenciamos um momento difícil da humanidade e a tarefa é possível, os jovens, sobretudo, é possível transmutar essa fantasia da separatividade de onde vem toda corrupção, toda belicosidade, toda perversidade. É possível a partir do interior de nós mesmos. É possível dar um testemunho de paz. Esse evento tem essa força que talvez seja a idade que nós estamos agora iniciando, alguns chamam de aquário, um novo paradigma, não importa o nome, uma nova Jerusalém que brota de uma Babilônia decadente, do egocentrismo, mas, a partir do interior de cada um de nós. Essa foi a grande lição de Pierre Weil. E eu termino apenas lembrando um profeta, um grande sacerdote do século XII, Joaquim de Fiore. Ele interpretava a história a partir da trindade e dizia que a idade do pai já passou, permanece vibrando, é a lei. A idade do filho já passou, o filho continua, a altura do amor, a beleza do perdão e da compaixão. Ele dizia, agora, a idade do espírito santo, a pomba representa o espírito santo, é a idade do feminino sagrado. Se o pai nos traz a lei, o filho nos traz o amor à lei, a lei do amor, o que nos traz o feminino sagrado? O serviço voluntariado representa a força do feminino sagrado (...)Esse evento demonstra de maneira extraordinária, talvez profética que é preciso acreditar na paz, mas, é preciso dar um passo além e ser a paz, evoluindo a fantasia da separatividade para a experiência da fraternidade e da comunhão”.

19h45

- **Chamado para a Unidade**, mensagem de Papa Francisco

19h50

- **“Eu tenho um sonho”**, Tributo ao Martin Luther King por Gael Moreira, Brasil

20h10

- **Momento Artístico**, Thedy Corrêa – Cantor da Banda Nenhum de Nós, Brasil.

20h25

- **Grupo Shamadaiko, Tambores Japoneses Taiko, Floripaz**

DIA 23/09/2016

**WE BELIEVE IN CHANGES
Nós acreditamos na Mudança
Dia da Ecologia**

09h00

- **Momento Artístico**, Grupo Manik, Floripaz



09h15

- **Introdução** “Países e Cidades presentes”

09h30

- **Uma homenagem a Christian Fritz**

09h45

- **Ecologia** – Vídeo da UNESCO

10h00

➤ **Ecologia Individual**

- Círculo das Sabedorias Medicinais
- Como viver com Saúde
- A sabedoria ancestral e as diferentes visões da ciência sobre a saúde

Convidados: Yu Tao, China - Medicina Oriental
Ana Luiza Schumacker, Brasil - Medicina Ocidental
Beth Moreira, Brasil - Medicinas da Terra
Adilson Maestri - Brasil - Medicina Espiritual
Coordenação: Pedra Rosa, Floripaz







Ana Luiza Schumacker, Brasil - Medicina Ocidental: “(...) Seleccionei o pai da medicina científica, o Hipócrates, que foi um grego que nasceu no ano 460 a.C e que deixou um legado que até hoje orienta os médicos. Como tenho formação médica selecionei o Hipócrates dentro das muitas coisas importantes que ele fez. A afirmação dele foi: “Fazei do teu alimento um remédio e do remédio o teu alimento”. Eu acho que essa assertiva do Hipócrates é uma máxima porque eu penso que quando ele está se referindo ao alimento, ele não quer dizer simplesmente o alimento material. Ele quer dizer o alimento material que nutre o nosso corpo físico, o alimento dos nossos sentimentos que nutre nossas emoções, que nutre nosso corpo emocional. Ele está querendo se referir ao alimento mental, os nossos pensamentos e certamente o alimento espiritual, a nossa conexão. (...) não viviam separados. Então para eles o entendimento era holístico desde sempre. Por isso que o Hipócrates permanece atual até hoje tantos anos depois. Tive uma felicidade na minha vida que é o norte do meu trabalho: eu me tornei homeopata (...) a homeopatia me satisfazia mais como medicina, como resposta às questões que as pessoas apresentavam, capaz de resolver os problemas e as doenças (...) considero que tive muitos mestres (...) a homeopatia é uma benção. Sempre digo para as pessoas quando elas chegam ao consultório que elas receberão uma benção. Poder se curar de uma maneira abrangente e ter considerado os sentimentos e as emoções que nos fizeram adoecer, também, além daquilo que nós comemos e pensamos é uma benção. E mais do que isso, a homeopatia é uma medicina que nos liberta do hospital. A gente não precisa estar internada para se tratar. É melhor a gente assumir que está internado na vida. Quando somos levados a frequência vibratória que o remédio homeopático nos traz nós estamos na vida nos curando e a vida vai nos aproximando

de tudo que nós precisamos para compreender, para fazer, enfim, qualquer coisa. A vida se torna o caminho de cura. E a pessoa entra num estado de atenção para poder aproveitar essas experiências cotidianas. É um viver se curando conscientemente”.

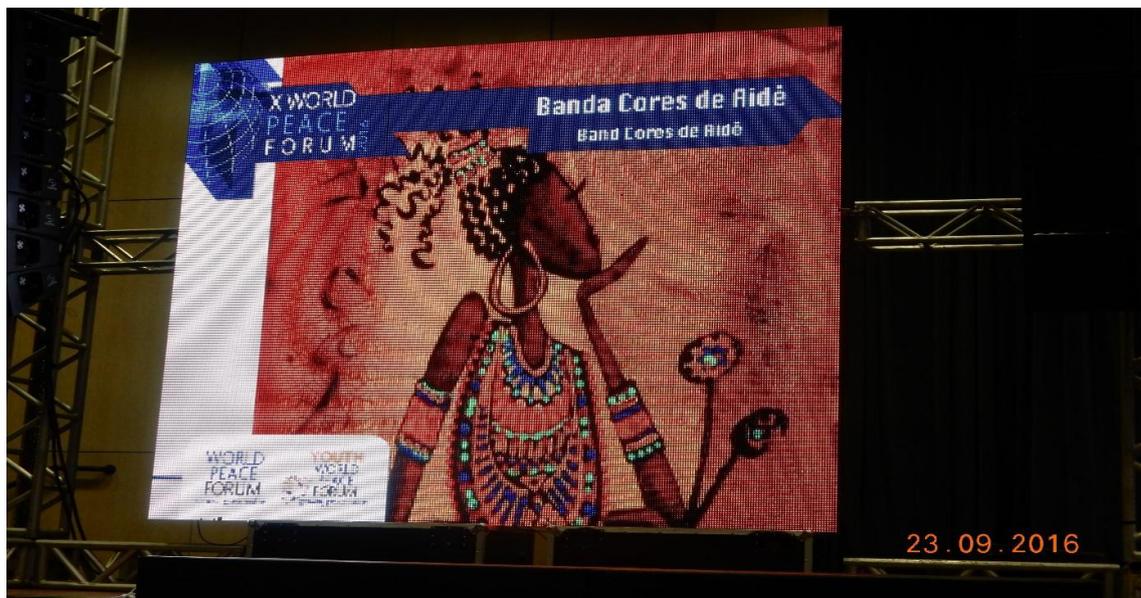
Beth Moreira, Brasil - Medicinas da Terra – “Sou Beth Moreira. Educadora ambiental, tenho mestrado em educação ambiental e trabalho com a terra, com as medicinas da mãe terra dentro de uma perspectiva transdisciplinar, dentro, também, de uma abordagem sistêmica de como conduzir essas relações com a terra. É muito importante nosso alinhamento. Falando do alinhamento e aproveitando que estamos representando esse altar da terra, é muito importante que seres humanos, independente da sua crença ou da sua raça se alinhe com a terra, se alinhe com os astros principais da nossa vida. A terra é aquela que nos recebe, que traz a vida para o planeta. É muito importante porque qualquer pessoa pode fazer esse alinhamento. (...) é uma gratidão estarmos vivendo aqui e agora essa primavera linda, o dia de hoje tão lindo, esse céu azul, o vento passar pelo nosso corpo, pelos nossos cabelos e sentir que a gente está vivo. Dá prazer viver. Dessa maneira, então, e dentro desse alinhamento, quero agradecer, também, a água que corre na terra. São as veias da terra. Agradecer essa água que mata a sede de todos nós, que une todo o planeta, que nos alimenta, que nos traz curas, que resolve a maioria de todos os problemas que nós temos. Agradecer o fogo através do sol que nos aquece, que nos traz calor. Então, diante de todas as medicinas naturais que a mãe Terra nos entrega, sem nos cobrar nada, eu tenho um altar de gratidão a esses elementos naturais. E através deles tenho, também, um profundo agradecimento aos ancestrais que mantiveram grandes ensinamentos através das medicinas sagradas da mãe Terra. (...) E diante das bênçãos, das águas que caem sobre esse planeta sagrado, nossos ancestrais souberam guardar as medicinais sagradas que abrem portais importantes para reconexão desse ser humano que hoje em dia não sabe para onde vai (...) Quero agradecer esse momento de aliança com o povo Hunikuin, o povo verdadeiro, o povo guarani e a todos nós também, que somos pessoas interessadas e que temos nosso espaço sagrado dentro do nosso coração. Eu diria que as medicinas da mãe Terra que a gente tem e que a gente compartilha são essas que todos vocês sabem (...). Não existe experiência inolvidável, que você não possa esquecer. O que existe na pergunta da (...) Rosa: qual é o ponto de ligação entre todas essas medicinas e essas práticas, eu diria que diante de tantas experiências que a gente pode ter, diante de tantas tecnologias sagradas que a gente tem à disposição, até aqui mesmo nesse altar com homeopatia, com todas as outras medicinais que estão presentes, eu diria que não teria experiência mais fantástica e mais profunda que não seja essa que lhe dê prazer e que sua memória grave porque o que a humanidade atualmente tem problema é em guardar a memória de coisas boas. E essa é a medicina do momento, memórias sagradas para que a gente possa realmente construir um caminho de construção claro e equilibrado para a paz no planeta”.

Adilson Maestri - Brasil - Medicina Espiritual – “(...) É um privilégio ser o último. Estou amparado na cátedra dos meus antecessores. A resposta à sua pergunta o que é a paz: Nós trabalhamos a paz, a ciência da paz, de onde vem a palavra paciente, então, o paciente vem a ser um ciente da paz. A partir do momento que ele pacifica as suas relações com a natureza, com o ser humano, com suas emoções, com seu intelecto, com a sua psique, com o seu espiritual, ele está curado, ele não precisa mais de socorro, ele não precisa mais de um milagre. Ele é o milagre. A nossa casa trabalha essa dimensão no reequilíbrio do ser que se perdeu na

sua própria alma. A nossa casa tem um hospital dia no Ribeirão, bairro do sul da ilha há vinte anos, mas a casa em si tem outra sede em São José com mais de quarenta anos. Não vale o aspecto espiritual, o rótulo de uma casa espírita; é uma casa holística, o referencial energético é Kardec e o referencial teórico é a medicina vibracional (...) vamos mentalizar a necessidade do ser humano ser mais pacífico inicialmente com ele e depois com todo o seu entorno. (...) Se você não tem os quatro pneus calibrados e balanceados, você está desalinhado. A estrada não está boa, você arrisca sua vida, você pode quebrar. Você vai ter que chamar o pronto-socorro. Isso é o emocional, isso é o intelectual que você coloca dentro da sua cabeça, isso é o psíquico, como você lida com seus traumas e isso é o espiritual, como você lida com o pai-céu. Trabalhando esses quatro portais, você tem a saúde corporal. Basta então, cuidar daquilo que você ingere para não se envenenar.

11h00

- **Momento Artístico**, Banda Cores de Aidê, formada por mulheres, Floripaz





11h10

➤ **Ecologia Profunda**

- “Em honra do ecologista José Lutzenberger”
- A Carta da Terra, Laudati en Si, Gaya a Mãe Terra
- Reflexões sobre como conviver em nossa Casa Comum

- **Convidados:** Kaká Werá, Tapuia-Guarani
Timothy Raynon, Conselho Tribal Puyallup, Estados Unidos
Henrique Martini Romano, ecologista, Brasil
Coordenação: Nelma da Silva Sá, São Paulo





Dulce Magalhães: “(...) Diante da concepção de Terra como Gaia, nome grego, planeta como ser vivo que respira, que vive, que tem consciência, como é a nossa relação com esse ser vivo. E gostaria de começar perguntando para Antônio Legeren da Galícia como ele percebe essa relação com Gaia, com esse ser vivo e consciente.

Antônio Legeren da Espanha: A relação com a mãe Terra tem dois aspectos: por um lado a atitude pessoal que poderíamos chamar de ecologia integral e em segundo lugar, a proteção que lhe dá as leis, os tratados internacionais sobre a mãe Terra. A primeira perspectiva é a da ecologia integral. Hoje em dia temos uma cultura que não cabe o descarte de nenhum ser vivo, todos são importantes, igual a nossa sociedade onde todos os seres são importantes. Nesse sentido, nossa relação com a Terra tem que ser integradora, uma ecologia integral porque nossos maus tratos à Terra e as nossas injustiças com o meio ambiente se convertem também em injustiças sociais. E no âmbito do direito e das leis da mãe Terra, somente duas constituições no mundo a reconhecem como ser vivo: Bolívia e Equador. E no restante há a concepção da Terra como um objeto a proteger, todavia não se reconhece como um sujeito vivo que há de compartilhar a existência com os outros.

Dulce Magalhães: E agora quero convidar Timothy Ramon, membro do conselho tribal norte-americano Puyallup, que está aqui para nos trazer essa visão das tribos do norte.

Timothy Ramon, Conselho Tribal Puyallup, Estados Unidos: “Há uma reverência muito grande a mãe Terra. Nós a sentimos como um ser vivo que respira, um ser consciente, e nós apreciamos profundamente as águas que nos fornecem o salmão que é nosso principal alimento.

O povo dos salmões assim como o chamamos sobem os rios. Nós gentilmente e de uma forma muito respeitosa coletamos o primeiro salmão e o preparamos com grande respeito, amor e gratidão numa forma cerimoniosa e devolvemos às águas para que ele comunique ao restante do povo salmão. Nosso povo cultiva a conexão com a mãe Terra enquanto ser vivo com muita gratidão. Ouça com o coração e a mãe Terra falará com vocês.

Dulce Magalhães: Henrique Romano, ecologista, dá testemunha com sua vida e seu trabalho. O que é um ser em contato com esse ser consciente?

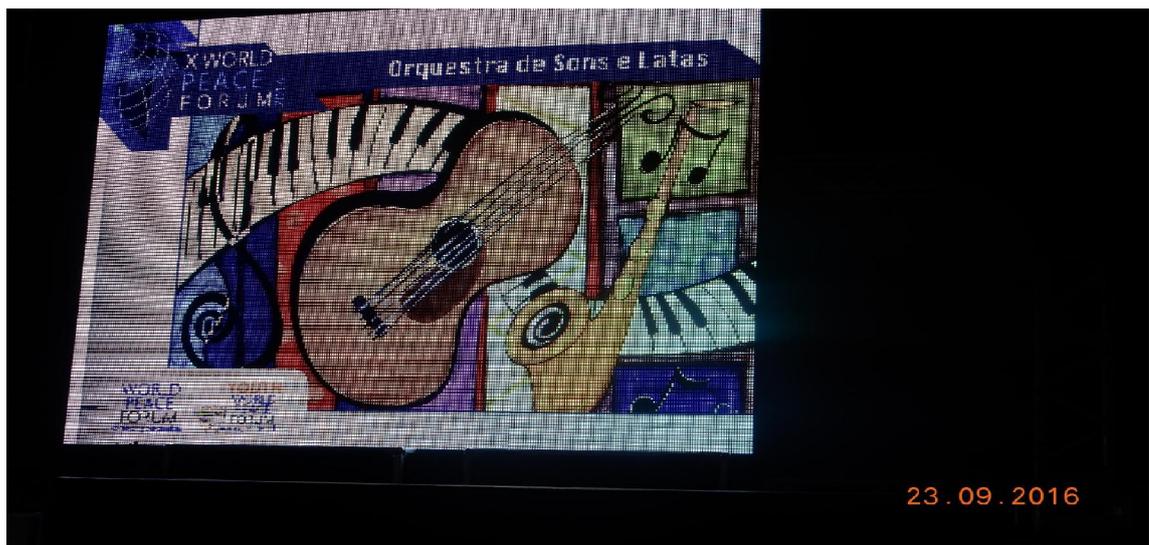
Henrique Martini Romano, ecologista, Brasil: “Fui tocado por uma fala viva de Lutzenberger e senti o fervor que defendia suas ideias e seu maravilhamento com esse planeta vivo. E a fala dele mexeu comigo: que humanidade é essa que precisa criar áreas de conservação para que não seja destruída? Ora, a Gaia é nossa casa e toda ela é uma área de proteção. Me coloco como uma célula de Gaia para esse propósito. Um caminho a ser trilhado é a educação e que muitos pensadores da ecologia e da cultura da paz tem no ato de plantar uma importante ferramenta para a paz a serviço de Gaia. A educação deve estar conectada com o coração de Gaia. E quando estivermos alinhados com Gaia, só o futuro poderá dizer onde chegaremos. O simples passo na educação é plantar, ter jardim, ter relação com a terra viva e traz um maravilhamento que vai além, que se relaciona com a cultura de paz. Muitos são consumidores e não plantam mais os alimentos. Se pudesse dar voz a cada planta e animal eles diriam: gratidão por serem os guardiões da natureza onde vivem. Agricultores da paz, paz que transcende a paz humana”.

12h30

- **Momento Artístico,** Violinista Karla Siqueira, Floripaz

15h00

- **Momento Artístico,** Orquestra de Sons e Latas, 35 crianças de Tubarão, Brasil





15h10

➤ **Ecologia Social**

“Klaus Rakewitz” Painel: O Paradigma da Paz

Religião e Meio ambiente, Sheikh Eşref Efendi, Turquia

A Revolução Verde, Dominicus Rohde, Alemanha

A Economia da Paz, Jose Eduardo Fiates, Brasil

Regiões Unidas da Paz, Rafael Pitti, França (via skype)





José Eduardo Fiates, Diretor do Sapiens Parque em Canasvieiras, Brasil – Economia da Paz: “Agora em novembro completam-se 30 anos de quando começou o processo de geração de empresas de inovação e tecnologia na cidade e saímos de uma situação em novembro de 86, cerca de 10 empresas de tecnologia para hoje, cerca de 900 empresas inovadoras. A maior parte delas, quase 90% criada por jovens empreendedores de todas as áreas não só tecnológica, mas também de Biologia e Ciências Sociais criando os seus negócios e chegando hoje a quase mil empresas nessa área em Florianópolis. O parque tem quatro milhões e meio de metros quadrados, dos quais três milhões serão preservados na forma de um grande parque natural. Esse parque cede lugar para receber empresas jovens e aí nós identificamos pontos em comum: o que temos aqui é a presença de jovens desenvolvendo tecnologia e nós acreditamos que há um grande espaço para que na medida que você trabalha com pessoas que tem potencial, um novo paradigma, um novo conceito mais associado a paz e desenvolvendo tecnologia, eles possam gerar soluções que contribua para uma economia da paz e não para uma economia de conflitos. Apenas para citar alguns exemplos já temos empresas que trabalham com ferramenta de educação para área de redes sociais e outras formas de engajamento e articulação de jovens e que muitas dessas soluções são colocadas gratuitamente à disposição de países para estimular o processo educacional. Temos também empresas na área de biotecnologia desenvolvendo tecnologia de identificação de DNA para eliminação de super bactérias que causam contaminação de hospitais e áreas não protegidas que não tem cuidados. Já temos casos de empresas que estão desenvolvendo tecnologias que podem contribuir com muitas das causas que acabam sendo geradores de conflitos e de guerras. A interação com o fórum, nós identificamos que muitas das causas da guerras que tem a ver em alguns casos com alimentação, com outros casos com água e com falta de comunicação, interação, problemas relacionados à saúde, etc, pode ser temas estimulados junto a essas empresas e, obviamente, não só daqui, mas temos uma rede de mais de mil parques tecnológicos no mundo todo, em todos os países, com jovens que desde o início podem estar criando os seus negócios com a filosofia mais sintonizada do que aqui. Os médicos dizem que a cada três anos todas as células do nosso organismo são renovadas. Esses jovens empreendedores não só na idade, mas na cabeça também podem criar novos paradigmas, novos produtos que contribuam para educação, comunicação, alimentação, tratamento de água e outros temas que contribuam com a paz no mundo e ao mesmo tempo gerando oportunidade econômica de uma economia da paz. Para finalizar, o potencial para se criar uma rede de jovens empreendedores criando negócios e desenvolvendo tecnologia que sejam na direção da construção da paz, aqui no Brasil nós temos cerca de dez mil empresas envolvidas com parques tecnológicos, universidade, etc., nos Estados Unidos são mais de cem mil *startups* envolvidas com esse tema, na Europa também são cerca de cem mil e na Ásia considerando também a China nós temos quase seiscentas mil empresas envolvidas com parques tecnológicos ou incubadoras de empresas. Estamos falando então de uma rede de um milhão de empresas em todo o mundo que estão criando coisas novas com a cabeça muito aberta para a construção de algo positivo. A interação com pessoas como vocês que preconizam a paz é um potencial que pode ser melhor explorado.

Dominicus: O José Eduardo havia comentado que eles têm uma seleção rigorosa e sempre perguntam as empresas quais são as intenções, os propósitos, objetivos sobre sustentabilidade.

Sugiro que nós podemos expandir essa ideia para que possamos estar questionando as empresas em termos de quais são os objetivos e as metas delas para a paz e não só sustentabilidade. Isso é uma mudança de paradigma muito grande. No momento em que a gente tem empresas pensando em que pode contribuir em termos de paz, para a paz mundial e para a sustentabilidade, esse é um grande salto consensual que podemos dar.

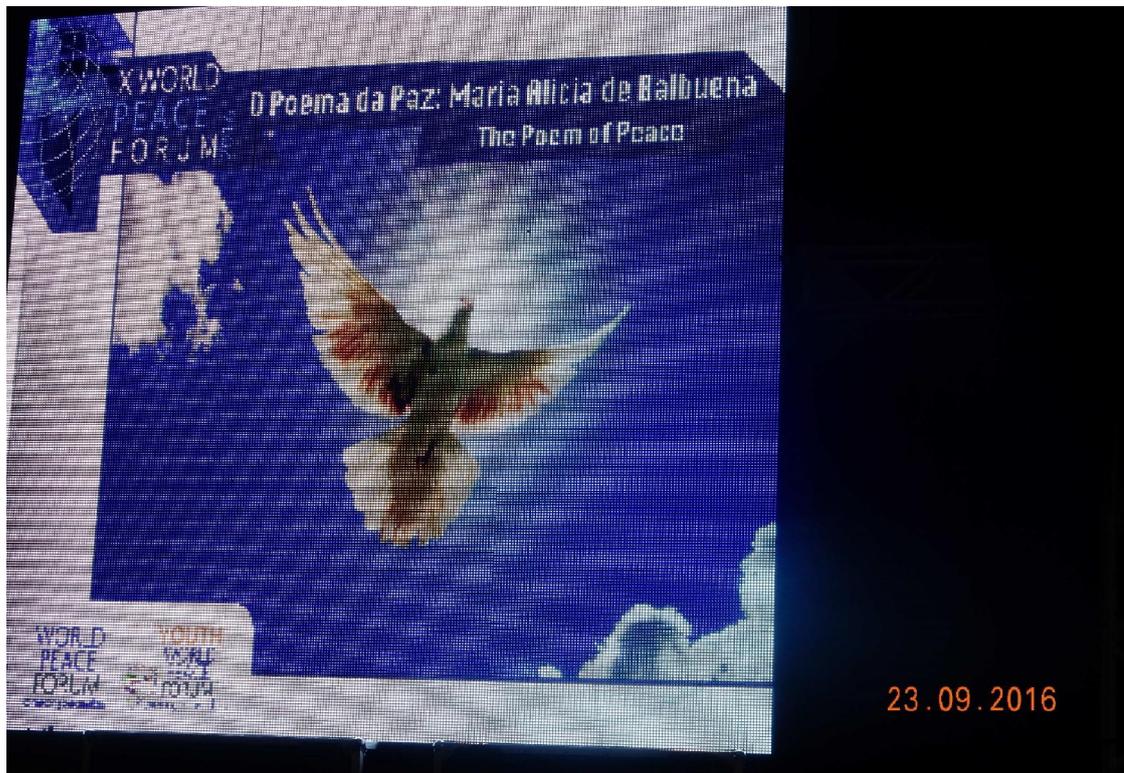
Sheikh Eşref Efendi, Turquia - Religião e Meio ambiente: “(...) Sinto que somos parte de uma mesma família. Para responder essa pergunta (Religião e meio ambiente) precisaríamos a eternidade. A primeira coisa que devemos nos referir é por que a criação existe, para quem ela existe e da mesma forma, por que a religião existe e para quem ela existe. O que exsurge, o que emerge é o que havia antes da criação, antes desse tempo que nós conhecemos. Alá, a existência em forma de amor estava presente antes da criação. Sem a contribuição dele nada existiria. Antes da criação havia o criador e ele queria ser descoberto, se expressar e ele fala, eu sou o tesouro escondido. Eu sou o criador, eu estou aqui escondido e quero ser visto, quero ser conhecido, quero ser amado. O criador faz então toda sua criação e cria um ser capaz de reconhece-lo, de amá-lo, de ter uma expressão devocional em relação a ele. O criador então cria o ser humano, cria a si mesmo, uma réplica de si mesmo e o próprio criador se encanta com esse ser humano e passa a amá-lo como a expressão de si mesmo. Da sua própria alma, o criador criou o ser humano e agora, deseja criar o universo para honrar esse novo ser, essa nova criação. E o criador ama tanto sua criação que o designou como seu representante na Terra. Da sua própria alma o criador esse ser humano e da alma desse ser humano foi possível criar a alma de todos os outros seres. O criador precisa criar um ambiente, uma proteção, uma casa para sua criação, para esse ser tão amado que é o ser humano. Então o criador criou essa casa, esse lar para o ser humano, mas ele não criou apenas uma casa vazia, ele criou uma casa e a mobiliou com belíssimas plantas, animais e muitos seres que passam a coabitar essa casa com o ser humano. Como disse ao seu amado ser humano: - querido, eu criei toda essa maravilha para você a partir do meu amor e eu desejo e peço que você cuide de toda essa maravilha com o seu amor, da mesma forma que eu cuido de você. O ser humano esqueceu desse compromisso que havia feito com o criador. E na língua alemã, humano é aquele que esqueceu. Então, ele se esqueceu da sua própria origem e esqueceu desse compromisso que ele tinha de cuidar deste planeta e de todos os seres nessa missão de amor que ele tinha. Então, encontrou uma imagem espelho ao reino animal e se identificou com o aspecto do reino animal, esse aspecto de agressividade, de ganância, do sangue e acabou se tornando um ser violento e se relacionando com o ambiente dessa forma violenta e agressiva que vemos hoje. Como o homem esqueceu da sua própria origem e do seu propósito, Alá, criador todo poderoso, enviou a nós, criou a religião como um manual de instruções para lembrar o ser humano do seu propósito original, desse propósito de amor. O manual de instruções que é a religião ensina, lembra o homem que ele não deve ser agressivo, que não deve ser violento, que não deve chutar, que não deve ser agressivo ou violento com nenhum ser, mas que ele deve cuidar de tudo com amor. O ser humano hoje se tornou tão afastado dessa instrução primordial que ele opera de uma forma de uma forma disfuncional do mundo. Esse manual de instruções é necessário para reconectar e a gente poder se reconectar novamente com esse propósito original. Infelizmente, hoje, quando olhamos para as imagens do mundo, nós não vemos tantas imagens belas quanto poderíamos

ver, nós vemos muita ganância, muita violência, agressividade, em função daquilo que o ser humano se tornou. O homem foi criado por amor, através do amor e para amar, e nós como ser humanos precisamos reaprender a amar, a parar de cultivar o ódio e passar a cultivar o amor. Eu poderia seguir falando desse tema por semanas, mas vou encerrar por aqui.

5h45

➤ **Momento Artístico**

O poema da Paz, Maria Alicia Gomez de Balbuena, Argentina
Dança Clássica Indiana Bharata Natyam, Ganga Devi, Brasil





16h45

➤ **Experiências Ecológicas**

The Claude Treyer Project Panel“

Maria Luisa Falcone, Argentina, Eco-Communication

Antonio Maineri, Canada, Waste Separation

The Green Revoluton, Dominicus Rohde, Germany

Reciclar Materia Prima, Jessica Pullo



Dulce Magalhães: “nós temos o prazer e o privilégio de ouvir sobre uma experiência muito importante do ponto de vista da construção de uma consciência ecológica, de uma nova visão para todos nós, de uma nova prática de cuidado do planeta. E agora vamos ouvir Julio Maestri que vai agora nos falar sobre a experiência de sustentabilidade, de consciência ecológica, de tecnologia dessa nova percepção da realidade”.

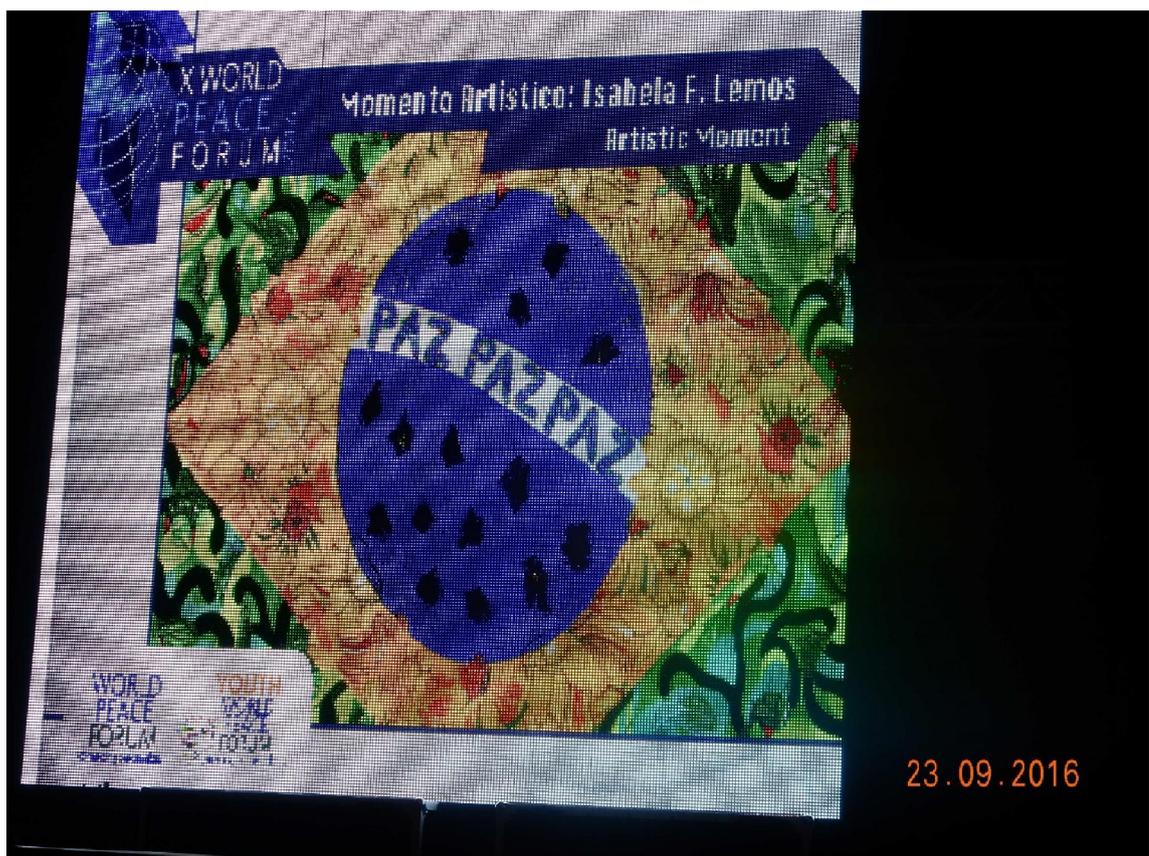
Julio Maestri da Cepagro: “Boa tarde. Queria agradecer o convite do fórum por estar aqui. Para a gente enquanto Cepagro é um prazer compartilhar as experiências que a gente desenvolve já alguns anos tanto no espaço urbano como rural. Eu fui convidado para falar sobre compostagem que é uma prática muito antiga, mas que atualmente é pouco desenvolvida e praticada nas cidades. E na cidade, a gente tem uma imagem que foi criada, que o resíduo orgânico que está em nosso subconsciente, como algo que dá cheiro ruim, atrai insetos e animais indesejados. E a nossa missão é mudar essa imagem porque quando a gente descasca uma banana, a casca tem cheiro de banana, quando a gente descasca uma laranja, a casca é cheirosa; se usa até no fogão a lenha para dar um cheiro bom. Então há onze anos, a gente tem um trabalho de agricultura urbana que a gente desenvolve práticas de compostagem e hortas nas escolas para as pessoas desenvolverem em suas casas e na comunidade. Então criamos várias ferramentas pedagógicas para mostrar o quão belo a natureza trabalha às vezes embaixo de folhas, embaixo da terra e através dessa televisão, a gente consegue mostrar como as cascas e as sobras de comida viram adubo. E a gente percebeu que hoje nas cidades, a distância da gente com a natureza é muito grande; então nas escolas, quando se pergunta para desenhar um pé de morango, se desenha uma árvore; não se sabe às vezes de onde vem o leite. Então essas ações, contribuem para harmonizar a cidade e ter uma relação mais sustentável com seu meio. Uma informação interessante que, no trabalho, por exemplo, com as escolas, a gente percebeu como hábitos de violência, que depois de trabalho com a horta, com a terra, com a compostagem, ela foi se revertendo para outras ações, ações de trabalho coletivo, ações de respeito; enfim, ações que desenvolvem a paz entre a gente. (...) A nossa missão é através da arte da compostagem, a arte das hortas, mudar a relação tanto das crianças como a nossa relação com a natureza. (...) Aqui em Florianópolis, a gente começou a ultrapassar a fronteira das casas e escolas e começamos a ir para as comunidades, principalmente as comunidades de baixa renda. E percebemos na comunidade que a gente trabalha hoje, que anos atrás teve um grande problema com os ratos, então, o lixo misturado, ele colocado nas ruas, atrai muitos ratos, o cachorro rasga o saco, vira um problema de saúde pública. Então os moradores, líderes comunitários e o Cepagro, houve uma grande mobilização para achar uma solução porque só matar o rato não resolveria o problema, porque depois eles ressurgem em um número maior se a sujeira continua nas ruas. Então uma ideia que surgiu no coletivo foi distribuir pequenos baldes para cada família para que elas separassem seus resíduos e não foi a gente que foi de casa em casa, foram os próprios moradores, próprios jovens das comunidades que fizeram esse trabalho de sensibilização. Então hoje, nessa comunidade, cerca de dez toneladas de resíduos orgânicos são reciclados em uma escola que cedeu seu espaço e metade do adubo que é produzido vai para as famílias terem seu temperinho, seu chazinho nas suas casas e a outra metade é vendido. E hoje pela nova política nacional de resíduos sólidos está previsto que associações comunitárias podem receber pelo tratamento desse resíduo ao invés de levá-lo para o aterro sanitário. E hoje essa é a nossa luta, que embora haja uma lei, ainda não está implementado, mas o que

defendemos é que cada comunidade pode tratar o seu resíduo orgânico e produzir esse adubo de qualidade na própria comunidade. Então, essa descentralização é o que a gente vê como uma grande forma de resolver o problema das cidades. E o Brasil, assim como vários países tropicais, eles precisam de uma base para sua agroecologia e a gente vê que a relação da cidade em tratar o seu resíduo pode devolver para o campo o composto orgânico, diferente de outros países que às vezes, a principal necessidade é a energia, nos países tropicais a nossa necessidade é uma terra fértil que vai produzir alimento saudável e uma vida saudável.(...) Esse método que a gente utiliza de compostagem é um método artesanal que vem lá da Índia. Há relatos de mais de dois mil anos que essa prática é desenvolvida e hoje, nas cidades, ela é a tecnologia mais atual porque não dá cheiro, não atrai insetos, enfim, traz um adubo com uma vida muito grande.

17h15

➤ **Momento Artístico**

Isabella Fialho Lemos, Cantora – Brasil





17h25

➤ **A Arte de Viver as Mudanças**, Dulce Magalhães, Brasil

Dulce Magalhães: “E esta arte de viver a mudança pode ser entendida do ponto de vista intelectual, nós podemos compreender os conceitos da mudança ou ela pode ser percebida do ponto de vista sensorial, nós podemos experimentar em nós a mudança.(...) Então vou contar uma pequena e rápida história de como é que a mudança acontece na nossa vida. Nós nascemos dentro de uma cultura que nos diz quem nós somos. Mas de fato, nós não somos o que a cultura nos contou. Nós somos uma experiência que vai muito além da cultura e, muitas vezes, é diferente da cultura. E assim, o que vamos experimentar aqui, é o primeiro passo da mudança com uma música que foi composta por Roberto Carlos e que se tornou muito famosa, popular com Caetano Veloso. Quero convidar vocês para entrar em contato com isso que nos moveu para estarmos aqui, talvez nessa experiência tão esquisita daqueles que buscam algo tão diferente que é essa coisa de paz e que muitos não sabem absolutamente definir, mas a gente sempre sabe reconhecer quando encontra. Então quero convidar vocês através dessa arte, independente de compreendermos as palavras. Quero convidar vocês para entrarmos em contato com essa força transcendente que vai muito além da cultura, muito além do imanente, essa força transcendente, essa força estranha (...)”.

Música: Força Estranha

Intérprete: Caetano Veloso

Composição: Roberto Carlos

“Eu vi um menino correndo
eu vi o tempo
brincando ao redor do caminho daquele menino,
eu pus os meus pés no riacho.
E acho que nunca os tirei.
O sol ainda brilha na estrada que eu nunca passei.

Eu vi a mulher preparando, outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga.
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou.
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou.

Por isso uma força, me leva a cantar,
por isso essa força estranha no ar.
Por isso é que eu canto, não posso parar.
Por isso essa voz, tamanha.

Eu vi muitos cabelos brancos na fonte do artista
o tempo não para, no entanto ele nunca envelhece.
Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são.
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão.

Eu ouvi muitos homens brigando. Ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta,
e a coisa mais certa de todas as coisas.
Não vale um caminho sob o sol.
E o sol abre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol.

Por isso uma força me leva a cantar,
por isso essa força estranha no ar.
Por isso é que eu canto, não posso parar.
Por isso essa voz, tamanha.”

Dulce Magalhães: “(...) então com esse canto dessa força estranha, com o chamado dessa força estranha, alguma coisa se abre em nós. E nós temos que largar as velhas roupas da cultura e caminhar na direção de quem nós verdadeiramente somos e talvez a música que melhor expresse isso é uma que fala desse desnudar-se, desse desapegar-se. E íamos na direção dessa

grande, poderosa constatação humana, de uma força ainda maior, nada de fato estranha, porque está em nós e através de nós. Então nós temos muitos nomes para esta grande energia, força, condição, consciência e um deles é Deus. Então, nós podemos compreender que há uma relação íntima desse ser que nós somos com esse ser que é, é isso que nós vamos ouvir dessa música de Gilberto Gil”.

Música: Se eu quiser falar com Deus

Gilberto Gil

1980

“Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada

Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar”

Dulce Magalhães: “(...) A mudança é uma construção coletiva. Nós temos aqui, eu e a Jaque, fazendo o processo da fala. A Bela empresta sua linda voz e interpretação para que possamos sentir isso através do nosso coração e o Cristiano Mendonça oferece a arte musical para que a gente possa sentir a vibração dessa mudança em nós. Então, quando falamos em mudança, falamos que de fato há muitos níveis e experiências que vão compor o campo da mudança na nossa vida. Há uma coisa que a gente encontra depois dessa força estranha que nos move, a busca de uma nova realidade, de uma nova cultura como é o movimento que estamos fazendo aqui. Depois que nós abrimos mão dessa velha forma de pensar, que nos despimos para essa expressão do sagrado na vida. O nosso verdadeiro eu que está dentro dessa roupagem cultural, quando encontramos esse verdadeiro eu, é um símbolo, uma simbólica desse encontro que está representado aqui pelo coração que foi imantando (...), essa simbólica do coração, essa simbólica do amor. A partir desse amor que encontramos com a nossa própria transformação, nós podemos espalhar isso por meio de uma transformação coletiva. Primeiro nos transformamos, encontramos esse campo poderoso do amor, então, podemos a partir daí gerar um campo de transformação coletiva pacífica, próspera e saudável para todos. E assim, vou deixar que a arte tenha a última palavra nesse painel de mudança de consciência, mudança de paradigma. Então com a palavra arte, é preciso amar.

Música: Pais e Filhos

Compositor: Legião Urbana

“(…) É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há

Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
Isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer”.

18h00

➤ **Momento Conexão** (Sala Mandela – todos participantes)

As oito ofertas preciosas – Dança da Paz



19h00

➤ **Peace Film Festival** - CineSolar, Cinema caminhão

Exibição dos filmes participantes do Festival de Filmes da Paz através do Cinesolar, estação móvel e arte, sustentabilidade, cinema e cultura de paz – o primeiro cinema do Brasil movido a energia solar

20h00

➤ **Baile de Danças Circulares e Danças da Paz Universal** (todos participantes)

DIA 24/09

WE BELIEVE IN RIGHTS
Nós acreditamos em Direitos Humanos
Dia da Humanidade

09h00

➤ **Introdução do dia**

Momento Artístico, Música Tupi Guarany - Sr. Werá Tupã

09h10

➤ **Encontro dos Povos Indígenas**

Inclusão e tolerância

O que devemos aprender com os guardiões da terra?

Convidados:

Kaká Werá, Tapuia Guarani

Leopardo, Hunikuin (Gente Verdadeira)

Ancião Sabino, Hunikuin

Txanu, Hunikuin

Pajé Werá Tupã, ancião 107 anos, Guarani

Rosa Mariane Potydja, anciã 100 anos, Guarani

Karai Okenda, Guarani

Timothy Raynon, Conselho Tribal Puyallup, Estados Unidos

Coordenação: Kaká Werá, Tapuia Guarani

Articulação: Andréa Monteiro, Floripaz







Kaká Werá, Tapuia Guarani: “(...) Temos aqui a representação de diversas tradições de sabedoria nesse círculo e cada um de nós irá dar uma mensagem com a expectativa que ela transcenda esse círculo. Mensagens de paz, mensagens a partir de visões de mundo de cada uma das tradições. Escolhemos primeiramente nosso ancião aqui apresentado Pajé Werá Tupã que trouxe esse canto e a mensagem que foi deixada no dia da benção na abertura do encontro. Agora eu passo para uma voz que vem da Amazônia, meu amigo, parente do povo Hunikuin, Leopardo, Hunikuin para trazer aqui a voz que vem da Amazônia.”

Leopardo, Hunikuin: “Bom dia. Quero cumprimentar os parentes que estão aqui, primeiramente o velho Tupã. É muito raro hoje encontrar um ancião com essa idade. Para nós é um presente e privilégio estar com a ancião e cumprimentar os companheiros de outros Estados. Estou representando a minha etnia que é o povo Hunikuin. É um povo da Amazônia do Estado do Acre, é uma das maiores populações do Acre se comparada com outras etnias. Nós, Hunikuin, somos da floresta. A natureza não está separada da gente. Nunca estivemos separados. Fazemos parte da mãe Terra. Vidas importantes como todos os seres humanos que habitam nosso planeta. Cuida da mãe natureza é resgatar memórias muito antigas para deixar o passado e olhar para o presente. Peço paz para a natureza, pela floresta amazônica. Todas as autoridades possam lembrar que a floresta e os animais e as tradições originárias fazem parte, não estão separadas também. Quero deixar mensagem do povo da floresta, do povo Hunikuin, também mensagem de todos os povos originários da Amazônia e do Brasil: não necessitamos

de conflitos e violência e sim pela saúde de nosso povo e povo do mundo. Não pensamos só em nós. Aqueles que rezam bastante pela vida dos animais porque o planeta é formado de água, terra, floresta e céu, então, o sol que ilumina a nossa terra, também ilumina outras partes do nosso planeta, o mesmo planeta que habitamos. E peço também um respeito muito grande pela natureza, zelar por aquilo que o criador deixou para toda a humanidade”.

Timothy Raynon, Conselho Tribal Puyallup, Estados Unidos: “Bom dia a todos. Eu me sinto honrado por estar aqui e agradeço profundamente a oportunidade e a presença de todos vocês e aos que estão ao redor do mundo conectados conosco e na nossa tradição nós erguermos nossas mãos nesse gesto, num gesto de honrar nossos anciãos e nossos irmãos, familiares indígenas. Eu honro a presença deles aqui neste painel. Ao ouvir esses cantos sagrados eu sinto o meu coração bater e sinto o coração da mãe Terra. Todo canto sagrado indígena nos conecta com o coração da mãe Terra. Então, eu lembro que vocês também podem sentir esse pulsar do coração da mãe Terra ao ouvir os cantos indígenas. Eu venho aqui de uma forma muito humilde representar o povo Puyallup do noroeste da Costa Pacífica dos Estados Unidos e muito humildemente também represento todos os povos indígenas da América do Norte e me refiro que nós estamos aqui com a intenção de criar um novo momento de paz, de compartilhar com vocês uma mensagem de paz, apesar do estilo de vida hoje do meu povo não ser mais como era o estilo de vida dos nossos antepassados, mas, ainda assim, nós almejamos viver em paz como um só povo indígena, um só povo humano do planeta terra. Nós, enquanto povo indígena, embora boa parte das nossas terras foi utilizada pelos povos conquistadores, nós estamos em comunicação com o governo, instituições federais para encontrar uma maneira pacífica de proteger a Terra, a água, o salmão que é nosso alimento sagrado. Nós temos uma enorme gratidão ao povo salmão e nós queremos que seja respeitado, honrado porque ele é a principal nutrição do nosso povo. Estamos enfrentando uma grande ameaça na reserva indígena com perfurações para oleodutos nessa região e enquanto povo indígena nós conseguimos reunir trezentas diferentes tradições indígenas e isso é mais que toda a diversidade de povos que se reúne para as Nações Unidas, tamanho é a conexão e empenho dos povos indígenas para proteger essa terra sagrada. A minha mensagem principal aqui é que todos nós possamos nos conectar não só com meus irmãos e irmãs indígenas, mas todos nós como família humana para que possamos cuidar da mãe Terra porque se nós cuidarmos dela, ela vai cuidar de nós. E se nós não fizermos isso, falharmos nesta missão, ela não terá como cuidar de nós. Então, eu lembro aqui que nós devemos nos empenhar e procurar conversar, entrar em acordo com os governantes, com as diferentes instituições para proteger a mãe Terra num empenho por toda a humanidade e pelo bem da mãe Terra e do planeta.

Sacerdote do culto africano Orunmila: “(...) Meu posto é babalaô, sacerdote do culto Orunmila. Orunmila é o que o iorubá chama da palavra do céu. Esses povos vieram para o Brasil, os povos iorubá. O Brasil recebeu 280 nações de etnias oriundas da África. Esses povos criaram o que vocês conhecem como quilombos. E esses quilombos viveram próximos a tribos, reservas e aldeias dos aborígenes do Brasil. E nós somos resultados dessas civilizações. Hoje o planeta com mais de sete bilhões e quatrocentos milhões de pessoas sofre uma crise civilizatória. Eu não vim aqui falar da minha religião porque os povos africanos e a convivência que eu tive com eles me fez compreender uma coisa: não é somente a religião que estamos

tratando aqui, estamos tratando de uma visão de mundo e eu quero transferir a vocês, teológica e filosoficamente a tradução una do que é cosmologia. Essa crise civilizatória se dá porque todos nós temos antepassados. Eles são meus irmãos porque são meus antepassados. Africanos são nossos antepassados. É o antepassado aspiral DNA pai e mãe de todos nós. Como diz o teólogo Hanskingi, olhem na minha pele e você vê um branco, mas nosso DNA, nossa referência mitocondrial, de todos os povos são africanos. Por debaixo da pele somos todos africanos. Dentro desse processo da fartura colonial espalhado por todo o planeta Terra, o colonialismo fez com nós, nas Américas, na Ásia, o que não devia, porque o colonialismo criou o que é hoje, a crise civilizatória planetária que através da paz precisa ser corrigida. Então, por que o africano, os aborígenes do Brasil, digo aborígenes porque são de uma origem étnica, não são índios. Índio é o que o colonizador o chamou. Eles são guaranis, caiapós, yanomamis, são aborígenes, nativos da terra. Africanos tiveram suas etnias de origem. Até o próprio nome África é errado porque vem do grego, da palavra aphriké, e quer dizer lugar de escravos. E a ecologia mais profunda, mais profunda das profundas, o culto da África do Sul, a filosofia ao culto: eu sou porque nós somos, mas não sou antropocêntrico, eu sou porque cada um de vocês e cada uma árvore, cada um animal, cada uma gota d'água, cada uma planta, cada uma erva daninha é importante para a ordenação cosmológica porque cada uma coisa dessas cria uma harmonia cosmológica e perder um ser vivo é desordenar a ordem do cosmos. Quando nós pregamos a destruição que se atenta contra a paz, nós estamos atentando contra a nossa própria ordem, contra a nossa própria paz. A ordem cosmológica depende da vida como um todo. E todas as coisas, aqui estão querendo dizer que nós, vocês, todos nós fazemos parte do cosmos e o cosmos precisa de todos nós como as engrenagens que vocês conhecem como o relógio. Cotopé. Muito obrigado a vocês. Axé. Muita paz para vocês”.

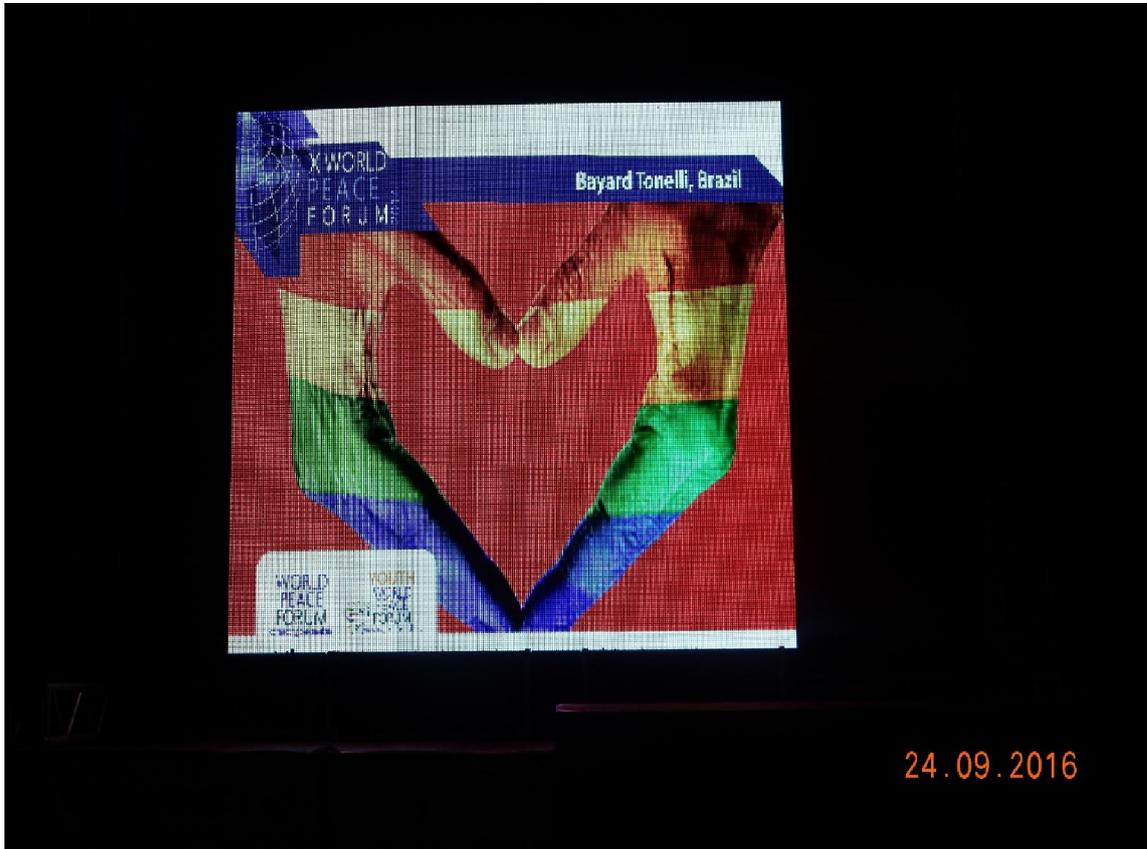
Kaká Werá, Tapuia Guarani: “Vamos dar a palavra a voz de Keretchu, liderança extremamente importante da aldeia guarani do Morro dos Cavalos aqui na região e essa aldeia, por sua vez, é um marco na civilização guarani com a civilização presente aqui, há pelo menos doze mil anos nessa Terra chamada América e nesse lugar hoje chamado Florianópolis e para mim é uma honra estar com ela aqui que também irá trazer a voz daquelas que durante milênios tem sido sufocadas, a voz da mulher.”

Keretchu, líder da aldeia guarani do Morro dos Cavalos: “Bom dia a todos. Quero agradecer primeiramente, ao criador por essa oportunidade de estar vivendo esse dia. E agradecer o convite do Kaká e também cumprimentar a nossa locomotiva, já que estamos aqui com o povo originário da floresta (...) Vou falar um pouco sobre o povo guarani que vive nesse território que é tão extenso. O povo guarani tem um território chamado Ororupá que se estende entre os países da Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Brasil. O povo guarani é um povo da margem litorânea por ter a crença, até hoje mantida, na busca da terra sem mares e fazendo essa mobilização de estar levando e trazendo sementes, animais, fogo como já foi falado aqui. Essa mobilidade é importante para nós. A gente tem elementos que fazem parte da nossa vida que não têm perna e que não andam, mas que têm vida e a gente tem esse respeito pela vida. Então, a gente ajuda e eles nos ajudam. Hoje a gente vive num espaço que tem um limite, a gente tem mais dificuldade de fazer essa mobilidade porque o nosso território foi picotado desde fronteiras com países, depois Estados, depois cidades, municípios, bairros e assim por diante. Mas mesmo

assim, o povo guarani faz sua mobilidade. Agora nesse período a gente está no ano novo guarani, é o tempo da renovação. Então, nesse momento é o tempo da consagração e é o tempo da mobilidade, onde o povo faz essa mobilidade de uma aldeia para outra, faz a troca da semente, faz a consagração da semente para depositar essa semente na terra para, futuramente, daqui a dois a três meses, entre dezembro e janeiro, então, fazer a consagração do alimento e onde também as nossas crianças recebem os nomes sagrados. (...) O sistema guarani abrange o céu, a terra, as estrelas, o trovão, o relâmpago e tudo mais e nós dentro desse sistema temos um pai e uma mãe, o pai que nos criou que é Deus e uma mãe que nos sustenta que é a Terra. E sendo nós filhos de um mesmo pai e de uma mesma mãe, nós somos todos seres vivos e não importa se a gente é ser humano, se é uma planta, se a gente é um animal, todos somos seres vivos criados pelo mesmo pai e pela mesma mãe, então, a gente é irmão. Mas o ser humano veio com uma dádiva a mais que a gente chama de arandu que é o saber e é isso que venho trazer hoje. Minha mensagem é sobre o saber. A gente tem hoje as escolas que educam nossas crianças que quando começam a se entender, conversar e compreender são colocadas em escolas onde lá tudo é fragmentado. Se você falar em um assunto, você não pode falar em outro assunto porque isso não é o momento ou porque não faz parte disso. E hoje estamos nessa situação no país porque a escola veio e criou caixinhas de ideias. E essas caixinhas de ideias hoje estão competindo, essa é melhor do que o outro e não existe união. E aí é chamado de sistema de educação. Hoje dificilmente os povos indígenas conseguem se adaptar a essa política do Brasil de criação de políticas públicas para os povos indígenas porque ele é separado. Quando o indígena entra desse sistema ele não consegue permanecer porque ele é todo sistema. A gente está carregando todo o sistema que envolve tudo. Então a política que recebeu o indígena como pessoa vai ter que receber a floresta, vai ter que receber os animais, vai ter que receber toda terra, o oceano e tudo mais. Então, ele não consegue sustentar, não consegue compreender. Essa é a questão do sistema dos povos indígenas. E a mensagem da paz que eu trago hoje é, não tentar criar uma política para que sejamos todos iguais, mas que a gente respeite a diferença um do outro e que a gente conheça o arandu, conhecimento, a sabedoria. A gente vive na busca da sabedoria. Nossos sábios anciãos que estão aqui são nossos sábios e a gente está caminhando para chegar até eles um dia. Então que a gente seja sábio de compreender, conhecer e de respeitar a diferença. Só assim a gente vai ter essa paz que a gente tanto procura. Obrigada”

10h20

- **Apresentação Artística - Bayard Tonelli – Dzi Croquet, Brasil**



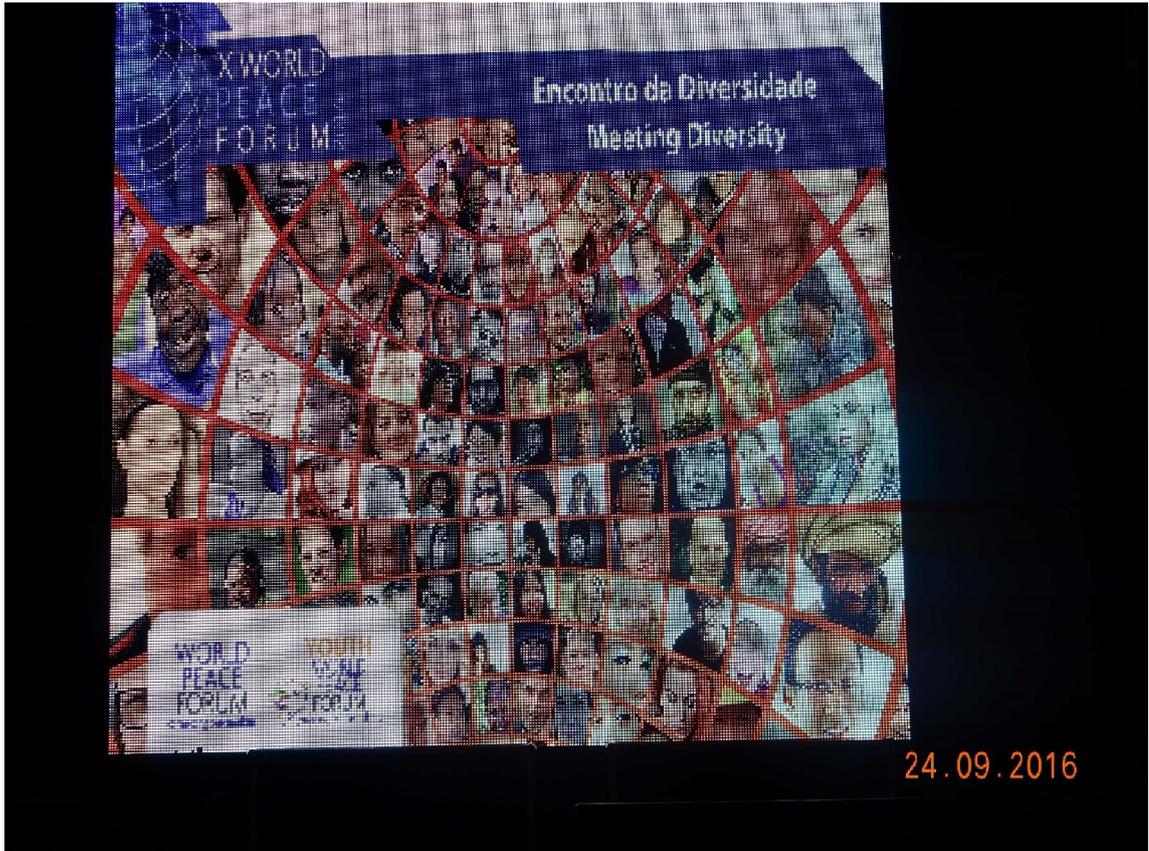
10h30

- **Encontro da Diversidade**

Tolerância e Coexistência

Como viver como um só e a mesma humanidade?

Coordenação: Jairo Salles, Floripaz



Bayard Tonelli: “Transição da fala dos povos indígenas e o povo da diversidade - todos aqui, estamos buscando a mesma coisa. Estamos buscando caminhos novos para o homem, para a humanidade, para o planeta e para nossa vida. Como estamos vindo dos povos indígenas, vou abrir com um pequeno trecho do texto de Darci Ribeiro do livro Maíra, grande pensador brasileiro que precisa ser resgatado e que fala sobre a criação do mundo segundo os maiarons”:

“Antes só os morcegos eternos vojavam na escuridão sem começo. Vem, então, nosso Criador que fechou os olhos, esperou e juntou as mãos em conchas. Num determinado momento, ele entreabriu os olhos e foi soprando na concha das suas mãos aquele ventinho morno e foi fazendo as suas criações. Primeiro fez as terras altas sustentando-as com escoras. Depois abriu rios e lagos, pois, nas águas novas as primeiras criaturas, os jurupares. Os jurupares eram seus prediletos, eram peixes da cintura para cima e homens da cintura para baixo. Só depois de fazer os jurupares, ele fez os curupiras que estão aí até hoje, perdidos na mata, prontos para comer a alma de quem se perde nela. Só depois de fazer os curupiras, é que o nosso pai fez os mairum ambir, os nossos antepassados. Só que os fez com a maior inocência e eles passaram muitas agruras nesse planeta. E os fez sem cu, eles comiam e vomitavam pela boca e para se comunicar com Deus pai, eles batiam no chão. E aí, a pica do Deus-Pai surgia e sururucar com esse povo. Depois bastava mijar num pote e ir regando todo dia. E dali ia nascendo uma criancinha (...)”
(Darci Ribeiro, Livro Maíra)

Bayard Tonelli: E vamos em frente...

“Nem o universo se crê eterno,
nem o homem se vê finito,
nem a vida se passa impune,
nem o amor avisa a hora de chegar e
nem a vida a hora de acabar,
por isso solto estou”.

(Bayard Tonelli)

“Em terra brasileira, todas as culturas se encontram
e eu alquimista de mim mesmo, ao fogo me exponho
mergulho no espaço,
navego nas águas e
cravo minhas raízes na terra.
Aí rego com água,
esquento e transmuta no fogo,
misturo, outra vez, com a terra e com ar.
E nesse caldeirão antropofágico,
onde tudo é possível,
eu mergulho fundo
e me exponho a tudo que há de vir.
Porque acredito na magia,

eu acredito que somos barro e
podemos nos moldar a formas
inusitadas e surpreendentes.
Eu acredito em genes saltitantes
que suprem nossas deficiências
e nos revelam novos tons.
Eu acredito em átomos coesos
que constroem a armadura do guerreiro
e nos mantêm o tônus juvenil.
Eu acredito no inimaginável,
no inacreditável.
Eu acredito na construção de um novo ser,
em constante transformação,
onde a essência é a revelação e
o conteúdo a transparência.
Eu acredito que ao me transformar,
atinjo níveis sutis de percepção,
em camadas e profundas desse ser
que busco construir.”
(Bayard Tonelli)

“Borboletas também sangram
Aos suaves talhos de
Ágeis e ásperas plumas
Deslizando ao comando
De artistas celestiais
Na busca cruel e incessante
Da beleza plena

Borboletas também sangram e sofrem
Nos campos de batalhas
Nos lares, nos escritórios
E ao se verem preteridas
Postas de lado por exuberantes
Lagartas oportunistas
Ao tomarem o centro do jardim

Borboletas também sangram, sofrem e choram...
Mágoas perdidas em desencantos
De dias fúteis
Voam em rotas feridas
No atrito de violentas paixões marginais

E se esvaem em atmosfera densa e poluída
Onde entraram inocentes e desprevenidas

Borboletas também sangram, sofrem, choram e se
desesperam...

A chicotadas de línguas ferinas a tentar
Diminuir seu esplendor e leveza
E desaparecem em lembranças varridas
Ao canto mais escuro do quarto
Embaixo do velho tapete persa
Puído por desinformadas e vorazes traças

Borboletas sangram
Sofrem choram
E se desesperam

Mas nunca cansam de voar..."

(Bayard Tonelli)

11h20

- **Momento Artístico**, Coral da Comunidade Judaica, Brasil

11h30

- **Conselho das Avós**

Coexistência e Comunhão

Qual a coisa mais importante que aprendi na vida para viver em paz?

Convidadas:

Lucila Camargo- psicodramatista, Brasil

Jane Guedes-poetisa, Brasil

Rosita Schmid- Presidente da Assoc. Israelita Catarinense, Brasil

Marilena Kaily- yoga/ayurveda e artes, Brasil

Rosa Mariane Potydja, anciã 100 anos, Guarani, Brasil

Profª Valdeonira, liderança negra, Brasil

Maria Helena Ferraz - mosaicista, Brasil

Lúcia Inserra, trabalho com idosos, Argentina

Brian McCoy, avô convidado, Estados Unidos

Coordenação: Lorena Machado, Floripaz



12h30

Momento Artístico, Maurício Ferreira e Bianca, Floripaz
Intervalo Almoço

14h45

Abertura da Exposição de Exibições pela Paz
Arte da Ana Rosa Giovannetti e Patricia Pellegrini

15h00

Momento Artístico, Grupo de Canto-terapia do Espaço Multicultural Kronix,
Brasil

15h15

Somos todos refugiados

O Painel “Otto von Habsburg” - a Crise dos Refugiados
Rafael Pitti, França / Síria (via skype)
Sheik Eşref Efendi, Turquia
Roseline Théron, França (via skype)
Piedad Guzman, Colômbia
Ali Ponte, Venezuela

16h00

Coffee Break

16H50

Momento Artístico, Cantor Rica Silva, Brasil

17h00

O poder do perdão

O painel “Raul Alfonsin” dos Direitos Humanos
Jaime Cardenas, Espanha
Timothy Raynon, EUA
Jorge Carcavallo, Argentina
Patricia Pelligrini, Argentina

18h00

Momento Conexão (Sala Mandela – todos participantes)
Orquestra de Londrina, Brasil

20h00

Noite Musical

Núcleo de Estudos Musicais Alegre Correa	15 min
Banda Vibrasonic	10min
Banda Iriê e Gazu	30min
Dança de Serra Leoa, África	20min
Metissia & ChecanTimpalo, Alemanha e Argentina	
“ Jam session ” Din Rose & Friends:	60min
Grupo Gnosis	
William Farias, pianista	
Monise Gomes, guitarra	
César Augusto Vitelli, pianista	
Rodrigo Caldeira, cantor	

Priscila Fiorentino, cantora
Yasmin Meera, dançarina
Din Rose, Cantora
Rosas do Samba

DIA 25/09

**WE BELIEVE IN PEACE
Nós acreditamos na Paz
Dia da Educação e Consciência**

9h00

Introdução do Dia- Dominicus Rohde, Luxemburgo

9h10

Momento Artístico

09h20

Painel Inter-religioso “Nós acreditamos na Paz”

Rabino Uri Lam

Fé judaica

Arcebispo Dom Wilson Tadeu Jonck, Brasil

Igreja Católica

Sheik Esref Efendi, Turquia

Muçulmano - Sufi

Bispo Brian McCoy, EUA

Igreja Mórmon

Shideh Bartar, Brasil

Fé Bahá'í

Nanda Gatis Conka, Latvia

Hinduísmo

Monge Gasshō – sensei, Brasil

Zen Budista Escola Soto

10h20

Celebração Inter-religiosa

Com diversas tradições espirituais e religiosas.

“Que a Chama da Paz ilumine, aqueça e habite o coração de toda humanidade”

Coordenação: Kátia Luz, Floripaz

10h40

Momento Artístico, Salam - Yasmin Meera, Brasil

10h50

Crianças pela Paz

A lenda do tsurus e o Pão da Paz

Coordenação: Flávio da Luz e Kenny Guedes, Floripaz

11h10

Painel Projeto "Living Peace"

Gaudia Lino, Brasil

Corinne Raboud, Suíça

Juan de Dios, Paraguai

Matias, Argentina “Pentagrama x Paz”

11h50

Prêmio da Paz Luxemburgo concedido para Omar Abou Baker

Vicki Hansen, Luxemburgo

Prêmio Pal pela Paz - Jules Lamore, EUA

Bandeiras da Paz para o Mundo - Yasmin Meera, Brasil

12h10

Momento Artístico Din Rose - Cantora, Brasil

Maestro Marco Pontes, São Paulo

Camerata Vieira, Floripaz

12h20

Mudando o Paradigma

Oscar Motomura, Brasil

12h50

Ato de Gratidão

Filme síntese do X Fórum Mundial da Paz

Carlos Palma, Portugal – Presidente do II Youth Peace Forum
Dulce Magalhães, Brasil - Presidente do X World Peace Forum, Capítulo
Brasil
Anúncio do Fórum Mundial da Paz 2017, Dominicus Rohde, Luxemburgo
Coordenação de Vídeo: Din Rose, Brasil

13h10

Cerimônia de Assinatura do “Protocolo de Florianópolis”

Um Chamado Global para os Governantes do Mundo introduzirem a iniciativa de 1% para a Paz e a Educação da Cultura da Paz
Coordenação: Jorge Carcavallo

13h20

Concerto da Humanidade

Maestro Guillermo Santiago, Uruguai
Orquestra: Todos os participantes

13h50

Encerramento Oficial

BANDEIRAS DA PAZ













ELEPHANTS FOR PEACE - *Elefantes para a Paz* é um movimento que foi idealizado em 2003 pela artista e historiadora de arte Rose Marie Gnausch. Esse movimento mundial, introduziu uma imagem para a maioria pacífica. O elefante foi escolhido como um símbolo porque ele é uma figura majestosa de grande porte, não abusiva em seu poder e que vive em harmonia com o seu entorno. Aqui a grandeza encontra a tranquilidade representando uma realidade inspiradora para a humanidade. O movimento Elefantes pela Paz oferece uma plataforma para tornar a paz poderosa e visível através dos seguintes meios: oficinas artísticas, exposições de arte de elefantes da paz, concertos, esculturas sociais, seminários, conferências e apoio para criação de atividades de paz. O movimento tem quatro propósitos principais: oferecer uma voz para a paz em todo o mundo, desenvolver relações de amizade entre as pessoas, oferecer um conceito sobre como trabalhar em conjunto e incentivar o respeito mútuo, tornando essas ações visíveis em uma escala global.







